

Katia Peixoto

“Não enxergo uma cisão entre as plataformas tradicionais e as novas mídias, pois o intercâmbio se dá no referencial, na base de estudos e no próprio fazer artístico, misturando tendências, pelo hibridismo, pela mestiçagem. É desta forma que surgem também outras e novas formas de se fazer arte, numa conversa constante entre as novas e tradicionais mídias.”

1



por Ana Paula Nunes (USP)

Hoje é muito difícil imaginar nosso cotidiano sem a internet e tudo que ela nos proporciona. A proximidade, a velocidade e, principalmente, toda a comodidade que ela trouxe para nosso dia a dia. Ela afetou em vários aspectos as nossas relações e claro, a nossa forma de se expressar também. E se a arte é nada mais que a auto-expressão que luta pela sua soberania, como diria Fernando Pessoa, como será que ela transita em meio a esse novo contexto?

Para conversar sobre isso, nada mais justo do que alguém que vive a arte em sua plenitude e em suas diversas nuances. Convidamos a doutora em cinema, Katia Peixoto, para contar um pouco, através da sua perspectiva, como esse novo cenário afeta a arte e a forma de se fazer arte.

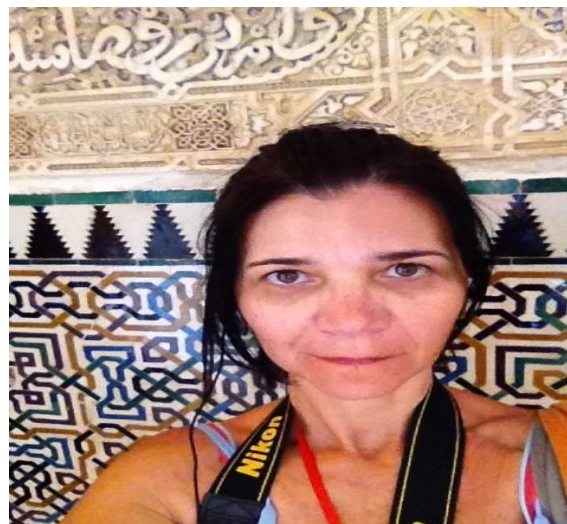
Kátia entrou cedo no universo artístico. Com apenas 5 anos começou os estudos em um conservatório, onde fez iniciação musical, no início, e posteriormente, se dedicou ao piano. Ainda no mesmo conservatório, também se iniciou na dança e se formou, aos 18 anos, como técnica em música e dança, juntamente com sua formatura do ensino médio.

Na escolha do vestibular, não seria diferente, a opção que bateu em seu coração continuava ligada ao mundo das artes, fez a licenciatura em Artes Cênicas e visuais e começou então a lecionar a disciplina de Artes, para crianças do Ensino Fundamental. Depois da graduação veio o mestrado e doutorado em cinema, hoje, Katia estuda fotografia de cinema na AIAC e é professora na faculdade de música e arte. Como se fosse pouco, Katia também escreve para a Revista ContemporARTES, sua coluna, com críticas e resenhas cinematográficas, traz reflexões e novidades sobre o mundo do cinema.

Nesta entrevista, você poderá saber mais do ponto de vista dessa artista, sobre o os novos cenários redesenhados pela internet e como isso afeta e se relaciona com a arte contemporânea.

Contemporâneos – *O acesso à internet aumentou, segundo o último censo, mais da metade dos brasileiros já estão conectados. Tendo em vista esse contexto, como você percebe a influência da rede na produção artística hoje?*

Katia Peixoto - Vivemos num mundo em que a comunicação de massa ou mídia massiva - televisão, rádio, jornais e revistas impressas - não consegue mais se estabelecer como comunicação contemporânea se não estiver integrada e/ou apoiada pela Rede. Por algumas décadas se estabeleceu como patamares de referência uma comunicação em linha reta, com emissor, meio e receptor. Mesmo na comunicação doxa-a-doxa essa referência linear esteve sempre muito presente: enquanto um fala, o outro escuta, assim sucessivamente, formando o diálogo. Com o advento da televisão, principalmente a partir de meados da década de 1960, quando ela atingiu uma certa relevância na comunicação de massa, a forma passiva de se comunicar chegou ao seu apogeu. Pessoas ficavam horas na frente da telinha apenas assistindo. Na televisão, o emissor é infinitamente menor do que o receptor. Apenas para citar um exemplo, um programa realizado por 200 pessoas pode ter um alcance de 1 milhão de telespectadores sem a possibilidade de feedback.



Em seu livro “O Meio é a Mensagem”, McLuhan abordou o tema da comunicação de massa e também analisou como o meio pode influenciar o próprio sentido da mensagem. Defendeu que, uma mensagem pode ser expandida de formas diferentes dependendo do meio em que se propaga e que esse meio interfere diretamente na mensagem. Portanto, a comunicação de massa, que não evidencia a mão dupla, isto é, que não realiza minimamente uma conversa entre emissor e receptor, acaba ficando muito incompleta para os dias de hoje. A comunicação radiofônica, de uma forma mais simples e sem imagens, conseguiu estabelecer uma melhor participação do ouvinte, estreitando um pouco esse abismo comunicacional. Já a Comunicação em Rede tem como primazia a via de várias mãos, a interatividade, a Inter comunicabilidade e a concomitância, isto é, podemos nos comunicar com várias pessoas ao mesmo tempo e ter o feedback instantâneo pela Rede, como metaforicamente o nome representa – uma rede de pescador, em que um ponto leva a outro, e a outro, em todas as direções e em constante expansão. Não temos mais a relação linear de saberes, nem uma linha reta de uma só via. Vivemos no tempo de saberes não lineares e de inteligências coletivas, como avalia Lévy em seu livro “**A inteligência coletiva**”. A comunicação é compartilhada com saberes mutantes e não lineares.

3

A arte atual, como forma de comunicação, está inserida no mundo contemporâneo e nas Redes, com músicas, vídeos, filmes, bibliotecas, museus virtuais, constituindo o conceito de cibercultura.

Historicamente falando, os artistas sempre lançaram mão de ferramentas do seu tempo, como bem relatou Arlindo Machado em seu livro, “Arte e Mídia”. A arte está sempre acompanhando a espacialidade e o tempo midiático de sua época. Bach tocava cravo pois em sua época o cravo era o instrumento mais moderno. “O Cravo Bem Temperado”, composto para ser executado em cravo, foi adaptado para piano, pois o cravo caiu em desuso. Portanto, a arte contemporânea está conectada ao seu tempo. O que mudou é que arte é também conectividade, interatividade, movimento, tecnologia, expressão das ruas, coautoria, intervenção, numa representação do tempo em que vivemos: o mundo contemporâneo é um mundo ligado na Rede.

Contemporâneos - *Em sua opinião, as novas mídias tem o mesmo valor artístico das plataformas "tradicionais", como a tela de pintura e o papel fotográfico? É possível estabelecer intercâmbios?*

Katia Peixoto - Obviamente que as artes que primam pelo mundo físico e que se apresentam no espaço tridimensional, como a pintura, escultura, fotografia analógica e etc., não perderão seu valor, principalmente na vertente histórica da humanidade. A arte é a representação de um tempo, de uma época, um reflexo social e cultural de um povo. Na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, a arte-educadora estabelece um conceito de arte dentro da perspectiva analítica, interpretativa e de julgamento, para uma ponta do triângulo; da contextualização histórica, cultural e social em outra; e da

prática artística numa terceira. Na perspectiva triangular, a arte é mais do que o fazer: é também contexto, referência, interpretação e julgamento. Claro que as novas plataformas apresentam o mesmo sabor de novidade de outras que já se apresentaram anteriormente. Não enxergo uma cisão entre as plataformas tradicionais e as novas mídias pois o intercâmbio se dá no referencial, na base de estudos e no próprio fazer artístico, misturando tendências, pelo hibridismo, pela mestiçagem. É desta forma que surgem também outras e novas formas de se fazer arte, numa conversa constante entre as novas e tradicionais mídias.



Contemporâneos - *Você utiliza a internet como facilitadora do acesso à arte?*

Katia Peixoto - Sim, nas bibliotecas digitais posso baixar obras de artistas famosos, nos museus digitais de todo mundo, posso ver obras de artistas de várias épocas, intervenções. Assistir e baixar filmes pelo Youtube, Vimeo, ler roteiros de teatros e me inteirar das novidades no mundo das artes.

Uma infinidade de coisas que são, também, fontes importantes para a estruturação das aulas.

Contemporâneos - *De qual forma sua produção, enquanto artista e professora de arte, é afetada pela internet?*

Katia Peixoto - Para um professor é importante entender que o universo em Rede é uma realidade. Os smartphones estão em todo lugar, inclusive nas salas de aula. O desafio é orientar os alunos para o uso mais propício destes aparatos tecnológicos nos ambientes acadêmicos, como: salas de aula,

conferências, congressos e afins. Na produção de arte, a Internet colabora desde a questão da comunicação entre grupos e coletivos, na pesquisa, na forma de divulgação dos trabalhos, criando um ambiente interativo.

A coautoria com o público no processo de execução e resposta beneficia o trabalho do artista.

Contemporâneos - *Tendo em vista esses processos atuais, é possível redefinir um conceito de arte enquanto produto criado já com a intenção de ser reproduzida em massa?*

5

Katia Peixoto - A publicidade e propaganda é uma das vertentes do marketing e está inserida na área da comunicação. A indústria criada em torno da propagação de produtos e serviços movimenta um mercado artístico imenso, na produção e principalmente na mídia para a divulgação das peças publicitárias. A dupla de criação, composta por diretor de arte e redator criam peças para este fim e se integram a equipes de produtoras de filmes publicitários, designers, e músicos de jingles. Explicitamente, esses artistas trabalham para este fim capitalista e impulsionam uma arte voltada para a venda. Neste sentido, os artistas que se envolvem com publicidade e propaganda poderiam ser considerados a escoria dos artistas, se caso fossemos atribuir juízo de valor a eles. Além de criarem com a intenção da reprodução massiva, ainda usam a arte que criam para persuadir as pessoas a consumirem mais e mais. A arte envolvida com publicidade e propaganda é funcional, um serviço contratado pelas agências para divulgarem produtos e serviços. Na comunicação a arte é mediadora de um propósito explícito. Essa forma de arte é, em sentido literal, a arte produzida para fins de reprodução em massa, já que elas são expostas nas mídias e realizadas para esse propósito. No decorrer da história da arte, muita produção foi encomendada, não só pela publicidade e propaganda mais também pela igreja, pelos burgueses, pela nobreza. Mesmo sendo feita apenas uma peça, a arte encomendada também poderia ser considerada menor, porém não é isso que mostra as obras renascentistas, por exemplo. Van Gogh foi considerado um artista maldito por não vender nenhuma obra quando vivo, no entanto, após sua morte teve sua arte divulgada pelo seu irmão marchand Theo e por esse motivo foi reconhecido por todo mundo. Então a arte sendo massiva ou única, terá de ser de alguma forma paga por alguém e esse alguém (pessoa, empresa, governo) que a financia, raramente aceitará um produção autoral se isso não lhe render muito dinheiro ou isenção de impostos. Podemos pensar em grupos de músicos formados com fins comerciais, porém também temos grupos formados e financiados por empresas para venderem o institucional dessa empresa que incentiva a cultura. Nos tempos mais remotos, a indústria fonográfica ou de editoras de livros com seus best sellers, ganharam rios de dinheiro por produzirem em grande escala e conseguirem alcançar vendas incríveis. Em tempos contemporâneos é mais provável que a Rede venha a

pulverizar muito a indústria que produz arte. A tendência é que a arte seja cada vez mais financiada pelos governos ou que os artistas se vendam, como por exemplo, Romero Brito que realiza sua arte para ser reproduzida em massa colocando-a em camisetas, chinelos e afins. As séries das emissoras das televisões americanas são as melhores do mundo e são reproduzidas para a massa. O cinema também é uma arte para reprodução em massa com tecnologia altamente especializada. Por fim, a arte realizada para ser consumida em massa sempre existirá e representa uma grande parcela da produção mundial artística.

6

Contemporâneos - *Se por um lado a arte reproduzida perderia a "aura" como definiu Benjamin, por outro, você acredita que a rede dá voz a movimentos artísticos alternativos?*

Katia Peixoto - Sim. A divulgação dos trabalhos artísticos ganharam muita força com a Rede, porém está sendo preciso reinventar as formas de vender a arte. Temos a divulgação de muita coisa na Rede, portanto a concorrência também aumenta. Hoje já não se compram mais cds de músicas, baixam-se. Também as pinturas em quadros não são mais vendidas como antes. Não se pode comprar uma intervenção de rua, uma instalação. A obra do inglês Banksy (Robert Banks) une grafite em estêncil com a sua prática de ativista político e diretor de cinema. O artista de rua continua fazendo arte com poucos recursos e sua obra atinge um público mais geral.

A arte não é somente obra de museu há muito tempo. Ela grita nas ruas, nas praças. O artista de rua não vende sua obra e vive de incentivos e de reconhecimento obtido pelo seu êxito popular. Banks, como realizador de cinema, já ganhou o Oscar de Melhor Documentário na edição de 2010. Sua obra subversiva e irônica realizada muitas vezes de uma forma manual, conversa com as massas e também encanta o universo capitalista de leiloeiros. Já chegaram a leiloar uma parede onde sua obra estava impressa. Esta mudança no padrão de venda da arte deslocou o artista para a concorrência de projetos financiados por fundações ou prêmios de realização, formas competitivas, sofridas e, muitas vezes capengas que acabam desestimulando e fazendo minar a realização de novos trabalhos. Algumas iniciativas como sites de financiamentos coletivos, como o Catarse, tem tido êxito para facilitar o levantamento de recursos para produção e divulgação de obras.

Quanto a reprodutividade da arte e a perda da "aura", segundo definiu Benjamin, já é um processo mais que consolidado neste mundo contemporâneo. Quando Benjamin escreve, identificando da forma mais otimista a "aura", reconhece o valor da arte enquanto coletividade e também sua popularidade na sua apropriação pela comunidade. No livro, A obra de arte na época da reprodutividade técnica. In:

ADORNO et al. Teoria da Cultura de Massa: 2000 p 221-254, é visível que Benjamin também, em sua dialética a respeito da perda da “aura” , preconiza um otimismo. Ao mesmo tempo em que a arte é reproduzida e portanto levaria a perda da “aura” – única aparição de uma realidade longuigua, por mais que ela possa estar” (p. 229), também está inserida no contexto da crescente proletarização do homem moderno, possibilitando a produção e reprodução popular. O problema, talvez, venha a ser a forma como a arte massiva se apresenta. Em alguns casos, impostas pelo poder, a arte massiva pode se tornar mais uma forma de condução política, ao invés de livre expressão popular. Enfim, Walter Benjamin ainda contemporâneo, nos alerta para uma arte reproduzida e consumida pelas massas mas que não as represente. Isso seria pior que a morte da “aura”, pois, neste caso a arte passaria a ser apenas mais uma forma de manobra ditatorial, mesmo que realizada e consumida pelas massas.



